

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



PANIKKAR, Kavalam Madhava (Kavalam, 1895; Mysore, 1963)

Para além de uma notável carreira política e diplomática e de intensa atividade jornalística e literária, o indiano Sardar Kavalam Madhava Panikkar assumiu também o ofício do historiador, percorrendo sobre o passado indiano, sobre a Ásia no geral e sobre o impacto das potências europeias, incluindo Portugal, nesse continente.

Madhava Panikkar nasceu em 1895, em Kavalam, na atual província de Kerala, que era então parte do reino de Travancore, no sul da Índia britânica. Provenha de uma família de proprietários locais, da casta *nair*. Ainda criança, aprendeu a ler e escrever em casa, antes de frequentar a escola da aldeia. Passou nos anos seguintes por várias escolas, em Trivandrum, Thalavadi, Kottayam e Madras, antes de viajar para o Reino Unido, em 1914, para prosseguir estudos superiores na Christ's Church, Universidade de Oxford. Formou-se em história. Os anos passados na Europa foram para Panikkar extremamente formativos. Regressando à Índia em 1918, casou-se e trabalhou como professor universitário antes de optar por se dedicar ao jornalismo, em 1925, data em que começou a editar o jornal *Hindustan Times*. No mesmo ano voltou à Europa, visitando desta vez vários países, entre eles Portugal, onde teve oportunidade de frequentar a Biblioteca Nacional em Lisboa, cidade com a qual, contudo, se confessou desapontado.

De fortes convicções independentistas (desenvolvidas ainda em Oxford), Panikkar envolveu-se na luta pela autonomia política indiana, travando conhecimento com figuras tão célebres como Mahatma Ghandi e Vijay Lakshmi Pandit e fazendo parte de várias das conferências com as autoridades britânicas dedicadas ao tema. Ao mesmo tempo, foi nesta fase secretário do chanceler da Câmara dos Príncipes indiana e ocupou cargos em vários dos estados principescos que constituíam parte integrante do império britânico. Em virtude desta dupla associação, defendia uma nação indiana unificada e independente, mas constituída politicamente como uma confederação desses vários principados. Quando a sua pátria se tornou finalmente politicamente autónoma (em 1949), Madhava permaneceu devoto ao serviço público, exercendo funções de embaixador na China (onde assistiu à transição do regime republicano para o comunista), no Egito e em França ao longo da década de 1950. Integrou uma comissão nomeada para estudar a questão da reorganização dos estados indianos, unificando num só sistema o mosaico de categorias e estatutos que existiam no período colonial, tarefa complexa que lhe ocupou os anos de 1953 a 1955. Foi mais tarde membro

do parlamento indiano entre 1959 e 1961 e regressou depois disso ao mundo académico, nas universidades de Caxemira e Mysore. Durante toda a sua vida, além das suas funções oficiais, dedicou-se à escrita de poemas e romances, tanto em inglês como na sua língua nativa, malaiala.

A produção historiográfica de Panikkar não é dissociável da sua faceta de político. Para ele, a História não era um relato distanciando ou abstrato de eras passadas, mas um instrumento para compreender e inclusive moldar o presente. Por essa razão, salvo algumas exceções de cariz mais cultural (notavelmente, foi coautor de um volume da *Histoire du développement culturel et scientifique de l'Humanité* coordenada pela UNESCO), as suas obras tendiam a refletir a sua visão sobre a política do seu país. Procurou realçar que o subcontinente hindustânico tinha uma longa e rica história anterior ao contacto com os europeus. Embora fosse hindu e defendesse que a civilização indiana tinha por base essa religião, o historiador era sensível às contribuições muçulmanas e, em menor medida, cristãs para a mesma. Interessava-se bastante pelo impacto dos impérios europeus e da cultura ocidental na Ásia nos últimos quatro séculos, tópico da mais célebre das suas obras, *Asia and Western Dominance* (1959), na qual argumentava que esse impacto tinha sido absolutamente transformador – para o bem e para o mal. Raramente imparcial, Panikkar não hesitava em julgar o passado, embora reconhecendo que os contextos eram diferentes. Interessou-se também por temas mais específicos, como a história do poder militar marítimo no Índico, face à relevância que estes mantinham na atualidade. A presença portuguesa na península indiana é discutida em várias das suas obras, sendo uma delas (*Malabar and the Portuguese*, 1929) dedicada especificamente ao tema.

Para este historiador, a relevância dos portugueses para a história da Ásia resulta de terem inaugurado no continente aquilo a que designa por “época de Vasco da Gama”, correspondente ao período em que povos europeus, através do poderio naval, impuseram o seu domínio sobre os asiáticos, em particular no subcontinente indiano. Panikkar vê no Estado da Índia as linhas de força e características que irão permear a atuação dos vários poderes imperiais até à retirada dos britânicos da Índia em 1947, nomeadamente o controlo – pelas armas – da navegação no Índico, a “imposição de uma economia comercial” e a tentativa de evangelização dos asiáticos (embora esta última não tenha estado presente na fase inicial).

Embora esta era tenha significado transformações históricas profundas para a Ásia, na ótica do Autor, os portugueses recebem reduzida importância para além do facto de terem sido os “primeiros a chegar”. Panikkar vê como motivos dessa primazia temporal a posição geográfica do país, o legado de uma suposta tradição genovesa de navegação e acima de tudo o sentimento cruzadístico contra o Islão, além dos esforços pessoais do Infante D. Henrique. Os seus resultados, porém, são vistos como mínimos, insistindo-se que Portugal nunca possuiu um “império” na Índia, somente feitorias e postos avançados. As derrotas militares (como a de Afonso de Albuquerque em Calecute) e batalhas inconclusivas recebem mais foco do que as vitórias europeias. Os sucessos que atingiram deveram-se somente à instabilidade política do Oriente e ao envio contínuo de reforços vindos da metrópole; quando este envio foi comprometido (pelas dificuldades domésticas), o domínio português entrou de imediato em declínio. Panikkar afirma ainda que os portugueses

não conseguiam triunfar contra adversários com igual equipamento bélico, como os otomanos ou demais europeus.

Quanto à administração imperial, a obra deste Autor realça, como é comum na historiografia anglófona sobre o tema, as fraquezas do sistema português, a ineficiência e a corrupção rampante. Panikkar defende também que o impacto cultural da presença portuguesa foi muito reduzido (sendo a introdução da imprensa a única verdadeira contribuição), com a maioria das populações a manter os costumes e práticas que lhes eram familiares. Não obstante a abertura, pelos portugueses, das mercadorias indianas a mercados mais alargados, só nos séculos seguintes é que outros poderes imperiais viriam a ter realmente impacto duradouro na Ásia.

Os métodos dos portugueses no Oriente recebem repetidas críticas do historiador indiano como invulgarmente bárbaros e cruéis, mesmo para o período em que tiveram lugar, com ênfase a ser colocado na pirataria contra navios mercantes e nos massacres de populações. Os portugueses são também acusados de hipocrisia, por respeitarem o princípio da liberdade de navegação nos mares europeus, mas não no Índico. Não obstante ter dado o seu nome a toda uma era, a figura de Vasco da Gama está entre as mais acusadas; com Panikkar a afirmar que o navegador (que apelida de ignorante e cruel) não pode de modo algum ser considerado um “grande homem” e que a sua viagem não foi particularmente impressionante ou pioneira. Em contrapartida, os reis e líderes indianos que combateram os europeus são elogiados. A única personalidade portuguesa que o Autor vê como digna de elogio é Afonso de Albuquerque, considerando-o o único verdadeiro estratega e construtor imperial no Estado da Índia, pelo que a sua obra não teve seguimento. Há que notar que os imperialistas holandeses também são muito criticados, em termos semelhantes.

É impossível não reconhecer nas obras de Sardar Panikkar uma nota algo tendenciosa, porventura motivada pelas suas convicções anti-imperialistas num momento crítico de constituição nacional indiana. O seu retrato da presença portuguesa na Índia é, grosso modo, negativo e crítico, algo que derivará em parte do seu nacionalismo, mas talvez também de uma formação histórica de índole britânica, tendendo para a desvalorização dos impérios europeus anteriores ao do Reino Unido. Ainda assim, o historiador reconhece a Portugal um papel global, ainda que situacional, por ter aberto o caminho para domínios europeus mais transformadores – nomeadamente a Índia britânica – e um papel local na costa do Malabar, onde a sua presença impediu a formação de um estado unificado. Além disso, afirma apreciativamente que os portugueses não possuíam quaisquer preconceitos raciais ou de cor contra as populações indianas.

Embora tenha consultado crónicas, relatos e outras fontes portuguesas do período que estuda, Panikkar não cita nem parece conhecer historiadores portugueses seus contemporâneos. De resto, afirma que o único historiador dedicado ao tópico a quem reconhece mérito e imparcialidade é o britânico R. S. Whiteway.

As obras de K. M. Panikkar foram traduzidas para várias línguas europeias e, segundo o próprio historiador, objeto de muita discussão. Também em Portugal as suas afirmações suscitaram comentário – e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

crítica, inclusive violenta (Gonçalves, “Also sprach:...Assim falou Sardar K. M. Panikkar”, 1957). O eminente erudito e político faleceu em 1963, em Mysore, deixando inacabada a autobiografia que tinha vindo a redigir ao longo da vida adulta.

Bibliografia ativa

PANIKKAR, Kavalam Madhava, *Malabar and the Portuguese: being a history of the relations of the Portuguese with Malabar from 1500 to 1663*, Bombaim, D. B. Taraporevala Sons & Co., 1929; *India and the Indian Ocean*, Londres, George Allen & Unwin, 1946; *Asia and Western Dominance. A Survey of the Vasco Da Gama Epoch of Asia History: 1498-1945*, Londres, George Allen & Unwin, 1959; *A Survey of India History*, Londres, Asia Publishing House, 1960; *An Autobiography* (tradução inglesa de K. Krishnamurthy), Madras, Oxford University Press, [1977].

Bibliografia passiva

BANERJEE, Tarasankar, *Sardar K. M. Panikkar. The Profile of a Historian*, Calcutá, Ratna Prakashan, 1977; GONÇALVES, Júlio, “Also sprach:...Assim falou Sardar K. M. Panikkar”, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, S. 74, 10-12, pp. 359-384, [1957].

Tiago Seixas dos Santos